

GRANDIOSIDADE NÃO DESCAMBA EM CARNAVALIZAÇÃO

Marcos Savini

Da equipe do Correio

O tumulto e a excitação do público durante quase todo o primeiro ato atrapalhou, mas não comprometeu o belo espetáculo que foi a noite de estréia de *O Guarani* no último sábado. Passada a confusão inicial, predominou a grandiosidade da música de Carlos Gomes e o alto nível técnico apresentado pelos muitos artistas envolvidos na montagem assinada por Joãozinho Trinta.

Um elogio à parte merece a Orquestra Filarmônica Estatal da Romênia, que atravessou de forma ir-

repreensível os longos minutos da zoeira levantada pela multidão no início do espetáculo. Sob a batuta do maestro Francesco la Vecchia, ela manteve uma execução correta e sensível até ao final da ópera.

Todos tinham lá suas razões: as centenas de pessoas que tiveram a visão atrapalhada por quem teimou em ficar de pé nas arquibancadas, e as dezenas que ficaram de fora por falha da organização ou por terem chegado atrasadas. Mas nem a orquestra romena e tampouco a plateia que se esforçou por ouvi-la em meio à gritaria não mereciam ter toda a Profonia e parte do Primeiro

Ato estragados.

Apesar da baderna, o primeiro ato teve seus grandes momentos, especialmente no dueto de Ceci e Peri travado pelo soprano Anita Selvaggio e pelo tenor Maurizio Graziani. E também a pior solução visual de todo espetáculo: figurantes e bailarinas que deveriam sugerir animais ferozes e pássaros da floresta resumiram-se a um punhado de gestos vazios e tecidos balançantes.

Anita Selvaggio foi a responsável pelo ponto alto do espetáculo, com um cativante solo de Ceci no segundo ato, na cena dos aposentos da personagem. Com uma interpretação gra-

ciosa, a soprano conquistou o público com sua voz cristalina e poderosa.

Todo o elenco de solistas manteve um primoroso nível técnico. O baixo Chun Seung Hyun, no papel de Gonzales, e o barítono Rio Novello, como o cacique aimoré, apresentaram interpretações magnetizantes. Mas a estrela de Anita Selvaggio devia estar mesmo brilhando na estréia de *O Guarani*, levando a soprano a receber os mais entusiasmados aplausos ao final da ópera.

O coro mostrou uma total sintonia com a orquestra e os solistas, soou com limpidez, e em momento algum perdeu o compasso. Se a exe-

cução musical da montagem assinada por Joãozinho Trinta fosse um desfile de escola de samba, tirava dez em conjunto e harmonia.

Marcada pela grandiosidade visual típica das criações de Joãozinho, a cenografia foi exuberante na medida certa. Não carnavalizou, no mau sentido, a ópera.

Apenas um equívoco: as rendas cercando o palco, que deveriam representar uma floresta. Raramente iluminada por um pálido verde-claro, a marcante branquidão das rendas bloqueou, ao invés de aumentar, o poder de sugestão do restante dos cenários.☆☆☆☆